

# **Perfil demográfico e ocupação portuguesa na Freguesia da Gloriosa Sant'Anna, Rio Grande do Norte (Brasil)\***

**Gracineide Pereira dos Santos\***

**Ricardo Ojima\***

Palavras-chave: Demografia Histórica; Fontes Paroquiais; Ocupação Portuguesa; Rio Grande do Norte.

## **Resumo**

O artigo pretende fazer uma análise do perfil demográfico no sertão potiguar (Rio Grande do Norte, Brasil) dando especial atenção ao processo de ocupação portuguesa no período colonial de 1788 a 1820. A fonte pesquisada foi de livros de registros paroquiais (livros de assento de casamento, batismo e enterros (óbitos)), que cobrem o período de 1788 até 1820. A pergunta central que a pesquisa se propõe é: qual e/ou quais os perfis populacionais do Seridó Potiguar presentes nos dados paroquiais? No intuito de refletir sobre esse questionamento foram feitas análises no tocante a pensarmos como se distribui essa população por sexo e, quando os dados permitirem, por idade. E qualitativamente estudando quais os grupos étnicos e sociais que compõem essa sociedade, acompanhando os rituais religiosos dessa população desde o batismo, o casamento até os óbitos. Como é sabido, os dados populacionais do período de colonização não podem ser estudados isolados das questões históricas da época. A sociedade da freguesia da Gloriosa Sant'Anna é marcada por uma colonização que aconteceu depois de vencida à resistência indígena, alicerçada numa economia baseada na criação de gado voltada para atender a demanda local e do litoral Potiguar e que teve presente a mão de obra escrava, dando à população características particulares que precisam ser estudadas e discutidas detalhadamente. Tanto pelo ângulo dos dados que mostram os colonizadores: o “homem branco” português; como mostrando as relações com a população colonizada, os indígenas e negros, analisando esse triângulo étnico e social quantificados, registrados e classificados pelos papéis sociais que desempenhavam na sociedade colonial.

---

\* Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Montevideo, Uruguai de 23 a 26 de Outubro de 2012.

\* Mestranda em Demografia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [gracydemografia@yahoo.com.br](mailto:gracydemografia@yahoo.com.br).

♦ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [Ricardo.ojima@gmail.com](mailto:Ricardo.ojima@gmail.com)

# **Perfil demográfico e ocupação portuguesa na Freguesia da Gloriosa Sant'Anna, Rio Grande do Norte (Brasil)\***

**Gracineide Pereira dos Santos\***

**Ricardo Ojima\***

## ***Introdução***

O objetivo do artigo é analisar o perfil demográfico do sertão potiguar no processo de ocupação portuguesa do Rio Grande do Norte no período colonial (1788 a 1820). As fontes utilizadas nessa pesquisa são os livros de assentamento de batismo, casamento e enterros, acervo pertencente à paróquia de Santana, hoje na cidade de Caicó, sertão do Estado do Rio Grande do Norte. Estes dados nos possibilitam ter uma visão geral e particular do perfil demográfico da população da Freguesia da Gloriosa Sant' Anna no período de ocupação portuguesa, quando não havia censos, e em falta de listas nominativas para estudarmos as populações do passado dessa freguesia, é necessário recorrer aos dados paroquiais. Conhecer o perfil demográfico do passado pode ajudar a compreender o retrato demográfico que temos na contemporaneidade, os desequilíbrios, ou não de uma sociedade formada por uma população indígena, negra, brancos e outros que deixaram suas marcas a partir dos registros de catolicidade.

O artigo está dividido em quatro seções, a primeira é composta por essa introdução; na segunda será feito um histórico da relação entre a Demografia e a História e a discussão de alguns dos conceitos fundamentais de ambas: métodos e técnicas; na terceira seção analisaremos a Freguesia da Gloriosa Sant' Anna no seu contexto histórico, econômico e social e na quarta serão expostas as considerações finais acerca da temática tratada nesse artigo, ou seja, uma população no período colonial aonde havia a prevalência masculina nos registros de batizado; onde a partir dos registros de casamento, as mulheres casavam com homens mais velhos e tinham uma mortalidade significativa nas idades consideradas, atualmente como faixa etária fértil entre os 15

---

\* Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Montevideo, Uruguai de 23 a 26 de Outubro de 2012.

\* Mestranda em Demografia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [gracydemografia@yahoo.com.br](mailto:gracydemografia@yahoo.com.br).

\* Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [Ricardo.ojima@gmail.com](mailto:Ricardo.ojima@gmail.com)

e 49 anos e, como seu estado civil era casada, apresentando causas de óbito relacionadas à complicações no parto. Quando comparado, os registros de enterros de homens e mulheres há mais registros masculinos, e as causas são variadas, indo desde ferimentos a faca a complicações pulmonares, ou “de repente”.

### ***Demografia, História e Demografia histórica: embates e dilemas.***

O que é Demografia? O que é História? O que é Demografia Histórica? O que a Demografia e a História têm em comum? Até que ponto elas estabelecem diálogos? Quais são suas diferenças? Qual a contribuição do estudo da Demografia Histórica para o estudo de sociedades onde não eram realizadas estatísticas de levantamentos populacionais? Os porquês que envolvem a Demografia, a História e a Demografia Histórica ou História demográfica estão distantes no tempo e no espaço; vários estudiosos denominaram esses conceitos; ora defendendo que essas disciplinas são antagônicas, ora apostando no viés da complementariedade e no conceito da interdisciplinaridade. Segundo Preston (2000), a Demografia é uma ciência social adaptável a demandas de épocas, que trabalha com problemas e com métodos, sendo essas características o que diferenciariam a demografia das demais ciências sociais.

Segundo o dicionário do IBGE (1969: 15) a “demografia é o estudo científico das populações humanas, principalmente no que diz respeito ao seu tamanho, estrutura e desenvolvimento”. Alvaro Vieira Pinto (1973) menciona que a Demografia é o estudo do homem em toda a sua complexidade, ou seja, um indivíduo que vive em sociedade e que está sendo influenciado histórica e demograficamente.

Nesse ponto, quando o objeto principal é o homem e quando esse não pode ser isolado do tempo no qual está inserido; a Demografia e a História se encontram. Segundo o historiador Marc Bloch (2001: 55), “a história é o estudo do homem no tempo”. E o historiador José D'Assunção Barros (2006) acrescenta a essa assertiva que “a história é o estudo do homem no tempo e no espaço”. Como podemos notar ambas as ciências tem o homem individual ou coletivo como seu objeto principal, o seu campo é complexo e de difícil conceituação, porque o seu objeto não é imóvel, nem pode ser compreendido se retirado de seu contexto histórico, político, econômico, social e cultural. Outro aspecto relevante para pensarmos as duas ciências são as fontes e os

dados; para que haja descobertas, é necessário que o historiador e/ou demógrafo pergunte à sua fonte; analise seus dados, e quando faz isso, não é possível dar conta do todo, de explicar todos os fatos (Veyne, 1998).

O passado é uma ‘estrutura em progresso’. [...] mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado (Bloch, 2001:8).

Então, os demógrafos historiadores e os historiadores demógrafos não buscam dar conta de todas as faces do seu objeto de pesquisa, pois a pesquisa se faz a partir de interesses particulares, de escolhas, de recortes; sendo uma “colcha de retalhos” onde os conhecimentos passados e presentes moldam os olhares e as perspectivas e porque não, dão respostas para lacunas na ciência demográfica e histórica ainda não conhecida.

No contexto de formação da Escola dos *Annales* para a historiografia, segundo Peter Burke (1997), os estudos históricos passam por uma mudança de foco; de uma história tradicional, positivista, preocupada com os grandes eventos, com as histórias biográficas de figuras importantes e com as fontes oficiais; passa-se a direcionar o olhar para os personagens “silenciados” pela história. A mulher<sup>2</sup> é um exemplo importante para os estudos demográficos por conta de sua influência nas variáveis da dinâmica demográfica (fecundidade), e por questões históricas que antes privilegiava os homens, pois eram eles que estavam nos espaços públicos, enquanto as mulheres estavam no espaço restrito de seus lares; as figuras femininas foram negligenciadas nos estudos históricos. A partir dessa nova corrente historiográfica também, os historiadores passaram a escrever a história das mulheres e se interessar por fenômenos de ordem econômica e demográfica.

A Demografia tem vários campos, um deles é a Demografia histórica. Nascida na Escola Francesa na década de 1950, no cenário marcado pelo Pós-guerra; fruto do trabalho conjunto de um engenheiro Louis Henry e de um historiador, Fleury, que juntos alicerçados em fortes bases técnicas e metodológicas criaram métodos científicos para questionar o passado sobre uma questão vista no presente, mas que os dados do presente não conseguiam responder; o problema da baixa fecundidade na sociedade francesa. E eles aplicaram seus métodos, utilizando como

---

<sup>2</sup> Conferir Del Priore, Mary. História das Mulheres no Brasil. 5ed. São Paulo: *Contexto*, 2001.

fonte os registros paroquiais de batismo, casamento e óbitos e assim mapearam diversos sistemas demográficos (Bacellar et al, 2005; Nadalin, 1994; Reher, 1997).

A filha, a demografia histórica, assim com a mãe, ou seja, a demografia tem problemas no que diz respeito à autonomia de seus campos, de suas definições e limites, como a demografia que ora é denominada e atrelada ao campo das ciências exatas, por causa de sua base metodológica, ora é colocada como uma ciência social que se utiliza de métodos estatísticos, que faz uma análise substantiva de números, pois esses refletem um contexto social, econômico e cultural. Esses mesmos problemas sofre a filha, alguns autores defendem que a demografia histórica é mais um dos ramos das ciências sociais e da própria história; outros que é um campo da demografia. Para Costa (2011: 216-217), “a demografia histórica é um tempo, parte integrante e orgânica da Demografia e uma das dimensões da História.”.

Como é possível perceber, não há um consenso claro em se estabelecer os limites da demografia histórica, pois ela acaba fazendo relação com outras abordagens como a história da família e a história das populações e a própria história demográfica. Nas palavras de Bacellar *et all* (2005), citando o pesquisador de demografia histórica David Reher, no que diz respeito a demografia histórica e a história das populações não haveria diferença, e que essa rivalidade teria sido forjada por autores franceses no intuito de contestarem contra imprecisão dos historiadores. Em contrapartida, os autores citam o demógrafo português, Joaquim Manuel Nazareth, que faz diferença entre os dois campos; argumentando que a história das populações é um dos campos da história e não da demografia.

Enquanto a história da população procura refletir sobre os dados existentes acerca do estado e dos movimentos das populações do passado. A demografia histórica define-se, sobretudo, a partir das fontes que utiliza e da metodologia que desenvolve para investigar o passado. (Nazareth, 2004:50 *apud* Bacellar et al, 2005: 340)

O objetivo da demografia histórica é estudar as populações do passado no que diz respeito à natalidade, nupcialidade, mortalidade, morbidade e migração de períodos proto-estatístico, ou seja, onde não havia contagem e registro de população como os censos existentes hoje nos diversos países. E como isso é feito, principalmente de fontes paroquiais e de listas nominativas nos países e regiões.

Quando pensamos a Demografia no Brasil, podemos enveredar pelas discussões de Livi-Bacci (2002) no seu escrito intitulado “Os 500 anos de demografia brasileira: uma resenha”, na qual, o autor descreve a história do Brasil, dando riqueza de particularidades sobre a importância de estudos sobre questões populacionais e demográficas no cenário de “Vera Cruz”. O Brasil foi palco da entrada em massa de população de origem africana e em menor proporção do homem branco colonizador, e essas populações deram um caráter particular a demografia brasileira e o tratamento a ser dado. Nesse contexto, a miscelânea populacional deve ser estudada, pois podem trazer a tona conhecimentos demográficos importantes.

Como podemos mencionar o objeto específico, no caso das populações indígenas, habitantes da Américas, e que, com a presença colonizadora (guerras e doenças desconhecidas dessa população), foram desaparecendo e quase extintos, pois na contemporaneidade, justamente por causa de estudos demográficos e de história das populações é possível refutar a ideia difundida durante várias décadas de que, em alguns Estados brasileiros, essa população não existiria mais. Nesse contexto, podemos citar o exemplo do Estado do Rio Grande do Norte cuja historiografia clássica (Casado, 1984) defendia a assertiva de que o elemento indígena teria sido extinto com a colonização. Mas os estudos de historiadores com bases de dados paroquiais e outras fontes como inventários tem dado uma nova versão para essa história<sup>3</sup>.

No contexto brasileiro, a produção que versa sobre demografia histórica, ainda é modesta. Os motivos podem ser vários, além desse que, segundo Tarcísio Rodrigues Botelho (2004:1), “talvez pelo uso intensivo de métodos quantitativos, talvez pelas dificuldades próprias às pesquisas da área, talvez por ‘sair da moda’”. Ou como questões como a extensão do território brasileiro e problemas no armazenamento e preservação da documentação base da demografia histórica; ou seja, os registros paroquiais, listas nominativas, inventários e outros. Somando-se a essas questões temos a ação do tempo sobre o papel e outros. Mas também temos pontos positivos, com o advento do avanço da tecnologia, temos mais formas e métodos de registrar os dados presentes nesses documentos antes que a ação do tempo aja sobre o material sobre o qual foi produzido e o perdamos para sempre, como exemplo podemos citar a digitalização que ajuda o pesquisador que trabalha com aquela documentação, pois pode ser lido com ajuda de suporte

---

<sup>2</sup> Ver Macedo, 2007.

tecnológico e na conservação do próprio acervo, pois o documento não estará sujeito ao manuseio descuidado, assim como pela ação do tempo.

No caso brasileiro, a demografia histórica já conta com quatro décadas de discussões e estudos. O precursor das pesquisas em Demografia Histórica foi Luis Lisanti, que estudando as listas nominativas mostrou as inúmeras informações que podem ser extraídas delas. Outra referência nas discussões e estudos nesse campo foi à pesquisadora Maria Luiza Marcílio, com sua obra intitulada de *A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750 – 1850*, no ano de 1973, sendo considerado um marco para a demografia histórica brasileira no cenário científico.

Esse trabalho foi seguido de inúmeros outros da mesma autora que versava sobre técnicas e métodos e levantamento de fontes a serem pesquisadas. Outra obra importante de orientação para futuros demógrafos historiadores é a obra intitulada *Demografia histórica: orientações técnicas e metodológicas*, organizada por Marcílio. Na década de 70, vem ao Brasil Louis Henry, contribuindo mais ainda para o arcabouço de discussões sobre a demografia histórica no país. A partir da década de 80, Marcílio passou a divulgar a técnica de reconstituição de família no Centro de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL) no ano de 1984, na USP, incentivando esse tipo de estudo no país.

A escola Francesa também formou outros demógrafos historiadores no Brasil, podemos citar o caso do professor da Universidade do Paraná Sergio Odilon Nadalin, que inclusive, escreveu uma versão portuguesa do manual de demografia histórica (Demografia numa perspectiva Histórica). No Estado de Minas Gerais temos os estudos da Professora Clotilde Paiva do CEDEPLAR que também dão contribuições significativas nessa área (Publicação crítica de censo sócio demográfico e econômico para a província de Minas Gerais, 1830; Mariana: características da População em 1831), além de outros nomes como Ana Silvia Volpi Scott, professora adjunta da Universidade de Vale do Rio dos Sinos (UniSinos), no Rio Grande do Sul (As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil; Cruzamento nominativo de fontes: desafios, problemas e algumas reflexões para a utilização dos registros paroquiais; contribuição da Demografia Histórica para a História da População e da Família no Brasil entre outros).

No caso do velho mundo, mais especificamente em Portugal, temos os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudo da População e Sociedade (NEPS) da Universidade do Minho, que tem a frente à professora catedrática e pesquisadora Maria Norberta Amorim,

criadora do método de Reconstituição de Paróquia que tem trabalhos na área de Demografia Histórica, História das Populações, História da Família (Informatização normalizada de arquivos. Reconstituição de paróquias e história das populações; O PICO (séculos XVIII a XX). A ilha açoriana mais poupada pela morte).

As pesquisas de demografia histórica no Brasil, não são feitas no país inteiro, elas estão localizadas e se concentram na região sul e sudeste. Nesse sentido, os estudos nesse campo nas demais regiões são quase inexistentes. Como podemos observar, no caso do nordeste, Scott (1998) menciona os tímidos estudos realizados no Estado da Bahia. “O Nordeste, o Norte, o Centro-Oeste e o extremo Sul, quase sem nenhuma lista nominativa de habitantes para o período proto-histórico e com seus arquivos eclesiásticos lacunosos e mal conservados, não estimularam muitos estudos demográficos” (Marcílio, 1997:128).

Por que nas demais regiões brasileiras há poucos ou nenhum trabalho de demografia histórica? Talvez um dos motivos seja a falta de formação em demografia, o olhar demográfico, não nasce somente de leituras sobre o campo. É necessária a formação na área, e como, no Brasil, os programas de pós-graduação em demografia ainda são restritos e geograficamente localizados, não temos um “acordar” dos historiadores para os estudos nas demais regiões e dessa forma também temos lacunas sobre as questões demográficas no país que devem ser preenchidas e os resultados das pesquisas feitas; depois possam ser somadas as que já são feitas nas demais regiões. Outra desmotivação pode ser a dificuldade dos historiadores para lidar com as ferramentas estatísticas, com os números, ou seja, com a parte quantitativa que faz parte da demografia, aliada a dificuldade com a própria fonte, cujo seus dados para serem organizados em bancos de dados, de tal forma que possam depois ser analisadas com o intuito de termos algumas inferências sobre a população, demanda tempo e pessoas engajadas que conheçam pelo menos a o mínimo para poder ler os documentos.

Quando se é apresentada as discussões da demografia e tem uma bagagem na formação enquanto historiador, mesmo com dados precários e dificuldades é possível trilhar o caminho e imprimir um estudo de demografia histórica onde ainda não há. E é isso que nos propomos fazer ao estudar a espaço norte-rio-grandense com um olhar demográfico sobre as fontes paroquiais herdadas de tempos longínquos no tempo e no espaço. No caso específico da freguesia da Gloriosa Sant’Anna, no sertão do Rio grande do norte não se tem notícia de listas nominativas, como as existentes em Minas Gerais, por exemplo, e usadas em paralelo com as fontes



paroquiais. Godoy e Paiva (2010) num artigo publicado na Revista Brasileira (REBEP) discutem a qualidade da informação das listas nominativas. No sertão potiguar temos os registros de catolicidade, ou melhor, os livros de assento de batismo, casamento e enterros óbitos.

Como não tinha a finalidade de contar toda a população, mas registrar os fregueses que passavam pelos rituais da igreja católica, que veio para as Américas com o objetivo de evangelizar os “povos bárbaros” e ocupar suas terras; os registros por eles feitos sobreviveram ao tempo e foram legados e, são pelos demógrafos historiadores utilizados.

O acervo na sua maioria está em bom estado de conservação na forma original, podendo ser folheado na paróquia na cidade de Caicó, porém por algumas folhas estarem desgastadas pela ação do tempo e do manuseio inadequado e temendo a destruição do acervo pela ação da manipulação intensiva foi realizada a digitalização e é disponibilizado aos pesquisadores no formato digital. Essa forma é melhor para o pesquisador, pois ele tem mais flexibilidade para trabalhar com as informações do registro, podendo ler as fotografias no computador com telas maiores, proporcionando uma leitura mais agradável e menos susceptível de erro.

Os livros são do século XVIII e XIX, estão escritos a mão, em alguns casos as expressões utilizadas para descrever a pessoa, impossibilita o pesquisador de identificar o sexo, por exemplo, em alguns registros os párocos realizaram verdadeiras fotografias microscópicas dos fregueses e às vezes, optaram por deixar escrito em papel as informações parciais deles.

### ***A Demografia da Freguesia da Gloriosa Sant’Anna impressa nos escritos do passado***

As fontes paroquiais, assim como os censos, foram criadas com um propósito, ou seja, realizar um mapeamento da população católica através de registros individuais dos rituais da Igreja Católica e na colônia também tinha a finalidade de enviar a metrópole informações sobre os povos que viviam nas novas terras descobertas. Segundo Marcílio (2004) grande parte das informações dos registros paroquiais (livros de batismo, casamento e mais tarde enterros) são padronizados e foram criados no Concílio de Trento (1545-1563).

O levantamento de dados paroquiais, segundo Henry (1988), pode ser feito de várias maneiras. Pode-se fazer a computação dos registros de cada categoria (batizados, casamentos, óbitos), classificados de acordo com algumas características; pode-se fazer um levantamento parcial dos conteúdos e organizá-los em folhas de levantamento; pode-se transcrever o conteúdo

dos registros para uma ficha. No nosso caso, foram elaboradas fichas específicas para cada um dos atos e escrito às informações dos registros dos três rituais.

E é pesquisando essas fontes que a demografia histórica faz algumas inferências sobre o perfil demográfico das sociedades passadas. O seu método mais famoso foi o de reconstituição de famílias e também é esse o mais aplicado pelas pesquisas em demografia histórica no Brasil. Então o que seria o método de reconstituição de famílias? Segundo Henry (1988: 93) “A reconstituição de família é feita a partir de levantamentos nominativos (em fichas ou em folhas de levantamento)”, essas fichas eram também denominadas de atos e foram elaboradas com alguns critérios, como diferentes cores para cada um dos registros, por exemplo; as fichas de casamento são brancas; as de batizados ou nascimento eram rosa e as de óbitos ou sepultura, verde. E com regras para o preenchimento também; como começar a fazer o levantamento a partir dos registros de mais fácil leitura, fazer uma disposição por categorias dos atos e ordem cronológica e assim por diante. Na era da informação, podemos fazer fichas digitais, elaborar filtros de informação, fazer link entre digitalização do documento e informação contidos nos atos.

Na contemporaneidade, além da França, há estudos no campo da demografia histórica na Inglaterra, nos Estados Unidos, Canadá, México, Chile, Espanha e Portugal com o Núcleo de Estudos demográficos. Como podemos perceber cada um desses países representa uma realidade no que diz respeito a fonte específica e foram, a partir de seus casos particulares, criando métodos para dar conta da sua realidade que deram inúmeras contribuições ao estudo do passado demográfico.

No caso brasileiro, segundo Bacellar *et all*,( 2005), vários estudos em demografia histórica estão sendo realizados, porém há algumas lacunas ainda não estudadas e fontes de dados deixados a margem. E esse diagnóstico foi realizado durante um dos encontros da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) que percebeu uma demanda de trabalho na área de História da População e tímidas experiências em análises demográficas. Nesse sentido, os trabalhos realizados no Estado do Rio Grande do Norte e sobre a Freguesia da Gloriosa Sant’Anna<sup>4</sup> também podem ser visto nesta perspectiva, de uma história da família e das populações. Nesse sentido, essa pesquisa é inovadora, pois propõe através de dados paróquias que já foram estudados pela historiografia com viés histórico fazer uma releitura com o olhar das

---

<sup>4</sup> Cf. Macêdo, 2002.

problemáticas, temáticas e ferramentas metodológicas da demografia. Além disso, busca ser uma leitura e divulgação da Demografia regional, do espaço nordestino, do sertão potiguar. De uma população específica, recortada no tempo e no espaço e que participaram dos rituais da Instituição católica nos livros paroquiais.

O povoamento da região na qual se localizava a Freguesia da Gloriosa Sant' Anna começou no final do século XVII, estava inserido no contexto histórico da expansão marítimo-comercial europeia e do estabelecimento de colônias em outros territórios, no intuito de adquirir matéria-prima e suprir o mercado comercial europeu. Segundo Monteiro (2007), no Rio grande do Norte, a colonização se deu primeiro no litoral que era onde as grandes embarcações aportavam, e depois foi estendida para o sertão potiguar bem mais tarde, depois que haviam sido expulsos do espaço potiguar os holandeses e vencido a resistência indígena através do que, os portugueses chamavam de “guerra justa”, onde no avanço da colonização os índios que resistissem podiam ser aprisionados como escravos e vendidos assim como os seus descendentes. O mesmo não acontecia com os índios que se submetiam a colonização que não podiam ser escravizados e que eram submetidos à evangelização dada pela igreja católica, presente em todo o processo de ocupação e são eles provavelmente os que sobreviveram e foram registrados nos livros da igreja.

Após o término, do que os historiadores chamam de “Guerra dos Bárbaros”, conflito que se perdurou durante muito tempo em diversas capitanias do nordeste brasileiro, e que teve o sertão do Rio Grande do Norte como seu principal palco; os portugueses passaram a investir doando sesmarias, como prêmio aos que participassem ao lado dos colonizadores. Com esse contingente humano unido e de posse de armas, os colonizadores conseguiram vencer o conflito que foi responsável pela dizimação de milhares de indígenas e possibilitou a ocupação dos portugueses, que puderem expandir sua colonização pelo sertão, com o intuito de estabelecer locais para a criação de gado e suprimento das demandas do litoral. A ocupação efetiva das terras também era uma medida preventiva contra os invasores de outros países que em outros períodos já havia formado alianças e ameaçado a hegemonia portuguesa em território brasileiro. E no que diz respeito a freguesia da Gloriosa Sant'Anna?

A freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Anna do Seridó, criada no ano de 1748, segundo Medeiros Filho (1983:9):

Compreendiam na sua extensão, áreas pertencentes às capitânicas da Paraíba e Rio Grande do Norte [...] os limites naturais daquela freguesia eram: ao norte, as serras que separavam o Seridó da Freguesia do Açú de Santana, ao Sul, destacando-se a serra de Santana, ao Sul, os contrafortes da Borborema, de cujas fraldas desciam todos os tributários que compunham as ribeiras das Espinharas, Sabugi, Quipauá, e do próprio Seridó; ao leste, as serras, também integrantes do Sistema da Borborema, de onde provinham os afluentes do Seridó; ao oeste, o rio Piranhas, desde a altura de Jucurutu até a barra do Espinharas; e daí, seguindo-se, as serras que servem de divisores das águas que correm para o Espinharas.

Como podemos notar, da criação da Freguesia ao registro eclesiástico há uma lacuna documental de cerca de 40 anos, que se tornam impossíveis de ser fonte de estudo tanto da história como da demografia histórica. E com base na técnica francesa de Henry (1988) de dissecar o máximo de informações do acervo documental e adequando-o as fontes paroquiais da freguesia do sertão potiguar procedemos às análises dos livros.

No primeiro momento pesquisamos no livro de assentamento de batismo, datado do ano de 1802 a 1806. O livro conta com 698 registros<sup>5</sup>, tomamos esse livro como um plano piloto da pesquisa. Seus dados foram sistematizados em um banco de dados em uma planilha passando por um processo de filtragem para ter uma visão geral e particular de cada uma das variáveis demográficas. As informações contidas nesse registro são o nome do batizado, a data do batismo, em alguns casos a data do nascimento exata ou aproximada, o local de realização da cerimônia, o horário, o nome e naturalidade dos pais, quando eram escravos ou índios não havia a menção de algumas dessas informações, como, por exemplo, a naturalidade e a data de nascimento; os nomes dos padrinhos entre outros dados importantes. No tocante as informações aproximadas quando se tratava da população escrava, podemos perceber essa característica no estudo desenvolvido por Cunha (2009), quando ela caracteriza a população escrava e sua idade. Ela menciona de forma aproximada e mesmo citando que trabalha com dados paroquiais as informações referentes a idade era registrada nas listas nominativas, mas no nosso caso, quando não há a menção, não temos como consultar listas nominativas.

---

<sup>5</sup> Desse número; dois dos registros não dava para saber se era do sexo feminino ou masculino, pois os registros estavam ilegíveis por causa da ação do tempo.

**Tabela 1 – Número de batizados – Freguesia da Gloriosa Sant’Anna, 1802 – 1806.**

<b>Sexo</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Masc</b>	381	54,6%
<b>Fem</b>	315	45,1%
<b>Ign</b>	2	0,3%
<b>Total</b>	<b>698</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte: Elaboração do autor com base no livro de batismo da paróquia de Caicó, RN.**

Quando analisamos os dados, é possível constatar que de 1802 a 1806, 54, 6% dos batizados eram do sexo masculino; enquanto que 45, 1% eram do sexo feminino. Essa população era batizada nos primeiros dias e anos de vida, porém durante os estudos encontramos o caso de dois indivíduos do sexo masculino que receberam o sacramento do batismo na idade adulta, foram eles os escravos Francisco e Manuel. A cor/raça dos batizados registrada nos registros paroquias eram: branco, mulato, <sup>6</sup> cabra<sup>7</sup>, pardo<sup>8</sup>, negro crioulo<sup>9</sup>, índio, gentio da costa<sup>10</sup>, preto. Cerca de 60% dos registros não era mencionado à cor/raça do batizado.

Com o intuito de rastrear o elemento colonizador, ou seja, os portugueses na Freguesia da Gloriosa Sant’Anna entre os pais dos batizados foi feito um filtro no banco de dados para localização. Realizando esse procedimento encontramos um total de oito registros de filhos de pais portugueses nascidos no bispado do Porto, arcebispado de Braga, arcebispado de Coimbra e Ilha de São Miguel. Assim distribuídos:

1. Do bispado do Porto:

- O coronel Antônio da Silva Souza, de Tirso que era casado com Tereza Maria da Rocha e batizaram seus filhos; Antônio e Francisco no ano de 1804 e 1805, respectivamente;

---

<sup>6</sup> Segundo Olavo de Medeiros Filho (1983), era denominado de mulato os filhos nascidos do cruzamento de branco com negro.

<sup>7</sup> Op.cit, cabra era a criança nascida de mulato com Negro.

<sup>8</sup> Op.cit sobre o pardo, denominando como sendo portador de um grau de miscigenação de difícil esclarecimento.

<sup>9</sup> Op.cit, População negra nascida no Brasil.

<sup>10</sup> Segundo Farias (2010), os escravos nos registros de batismo, ganhavam um nome cristão e acrescentava ao nome gentio a sua procedência, nesse caso, os escravos vinham da região da Mina, sendo classificados, como Gentio da costa, ou Gentio da costa da mina.

- Joaquim José de Oliveira, da cidade do Porto casado com Francisca Maria e fizeram o batismo da sua filha Francisca;
  - José Ferreira casado com Josefa Araújo, pais do batizado Antônio.
2. Do bispado de Braga:
- Comandante Joaquim Barbosa de Carvalho casado com Joana Maria da Encarnação, batizando as filhas Francisca e Joana.
  - E Salvador de Souza casado com Bernarda Rodrigues do Rosário, que constam como pais no registro de batismo de Maria batizada no ano de 1803.
3. Do bispado de Coimbra:
- Manuel Rodrigues da Silva, de Leiria casado com Joana Dorneles Bitancor batizaram seus filhos Maria e José nos anos de 1804 e 1806.
4. Ilha de São Miguel:
- José de Souza Forte casado com Antônia de Souza Forte desta freguesia batizaram o filho de nome Job;
  - Francisco da Costa Barbosa casado com Antônia Joaquina cuja filha foi registrada no livro de batismo como o nome de Manuela.

Desse total de pais de descendência lusa, dois deles; o comandante Joaquim Barbosa de Carvalho e o Coronel Antônio da Silva Souza têm mais de um filho batizado num intervalo de tempo de um ano.

Quando analisamos o livro de casamentos, datado de 1788 e 1809, este conta com 543 registros que estão organizados num banco de dados do Excell. Realizado um filtro temos variáveis diversas, nomes dos nubentes; dos pais; naturalidade; residência, cor da pele e condição em algumas ocasiões e, assim como nesse período, verificamos que a menção a idade de ambos os sexos era rara, contando no caso masculino e feminino de oito registros onde aparece que o pároco teve a preocupação em registrar a idade de ambos os nubentes. Realizando uma média das idades encontradas no caso masculino; a média de idade ao casar seria de 26 anos e no caso feminino de 23,8. Nos registros onde estava impressa a idade percebemos que em todos os casos, os homens eram mais velhos do que as mulheres ao casar. Segundo o IBGE: “Em 2007,

observou-se que, para os homens, a idade média no primeiro casamento foi de 29 anos. e, para as mulheres, 26”. Estabelecendo uma relação pautada nas idades encontradas nos dados paroquiais e as do IBGE percebemos mudanças, ou seja, o homem e mulher no período analisado casava mais cedo. Os dados a cinco anos atrás nos mostra o contrário. Homens e mulheres casando cada vez mais tarde. Quando estudamos o estado civil dessa amostra da população, por sexo nesse recorte temporal da freguesia temos o seguinte quadro.

**Tabela 2 – Estado Civil – Freguesia da Gloriosa Sant’Anna de 1788 -1809.**

<i>Sexo</i>	<i>MASC</i>	<i>FEM</i>
<b>solteiros</b>	501	508
<b>viúvos</b>	33	22
<b>ig</b>	9	13
<b>TOTAL</b>	543	543

**Fonte: livro de Assentamento de casamento da Paróquia de Sant’Ana, Caicó, RN.**

Nesse período os nubentes estavam, na sua maioria, no seu primeiro casamento. Quando analisamos os viúvos e viúvas nessa sociedade percebemos que há um número maior de mulheres nessa condição do que de homens, mas a diferença é pequena. Quando mapeamos a população portuguesa que teria contraído matrimônio nessa freguesia encontramos; dois noivos portugueses do bispado de Braga; dois do bispado do Porto e um de Leiria, bispado de Coimbra, porém aparece no registro de casamento no lugar de bispado de Coimbra como vemos nos registros de batismo dos filhos do casal, Europa. Para entendermos esse quadro, percebemos reminiscências históricas e sociais da migração portuguesa e predominantemente masculina. Nesses registros não encontramos população feminina portuguesa, talvez por causa das condições difíceis da travessia além-mar nesse período ou pelo fato de que no caso do sertão os colonizadores tinham que ser homens, pois de início eles tiveram que enfrentar a população nativa com suas armas. Talvez, as mães, irmãs e noivas desses portugueses ficaram como descreveu o poeta português Fernando Pessoa no seu poema Mar Português, “nos portos a chorar”.

Os lusos encontrados nos registros da Freguesia da Gloriosa Sant’Anna casaram com mulheres da região, constituíram família e não se sabe se, algum dia, eles voltaram para as terras

lusas e para o seio da família que deixaram do outro lado do oceano Atlântico. Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, na sua obra intitulada *Sistema de casamento no Brasil colonial*, recortando espacialmente a Capitania de São Vicente, havia uma diferença entre os colonizadores que vinham para o Brasil; pertencentes à nobreza, estes, geralmente vinham com suas famílias e logo voltavam para a metrópole e havia os que não dispunham de bons recursos financeiros e vinham sozinhos. “Aos colonos dos primeiros tempos interessava a vinda de mais homens, quer para a defesa do território, quer para o desempenho dos cargos públicos” (Silva, 1984: 18). Esses geralmente casavam com as mulheres da freguesia, pois o casamento também era considerado uma forma de integração na sociedade, um laço maior de fixação a região.

No caso dos escravos, cativos, forros e libertos registrados foram encontrados um total de 78 registros, somando-se as classificações. Nesses registros percebemos o casamento entre eles, ou seja, o casamento entre escravos, entre forros e entre libertos. Em parte isso pode ser explicado quando cruzamos com os nomes dos proprietários no caso dos escravos. Uma parcela desses escravos que casam entre si tem o mesmo dono. Há também a possibilidade dos outros arranjos matrimoniais que não foram registrados, pois não passaram pelos rituais da igreja. Esse é um dos problemas quando pesquisamos dados paroquiais, as inferências serão restritas a uma parte da população que participou de um dos rituais da igreja católica (Marcílio, 1997).

No caso da população indígena dessa freguesia, o número de registros foram nove, eles também casavam entre si, mas tem o caso de um casamento entre um índio e uma crioula, e de um índio com uma mulher parda. Quando era registrado o estado civil, ambos, os contraentes eram solteiros. Os motivos de ausência podem ser desde a morte de muitos dos indígenas na guerra dos Bárbaros, como também pode ser explicada pela resistência dos nativos em abandonar seus traços culturais em detrimento da cultura do homem branco colonizador. Pois segundo Monteiro (2007), o incentivo ao casamento de índios e escravos era uma forma de apagar aos poucos as influências culturais de ambos os povos e a adaptação aos rituais da Igreja católica.

Os bastimos e os enlaces matrimoniais são de suma importância para entendermos a freguesia da Gloriosa Sant’ Anna, a dinâmica demográfica em vida da população. No entanto, há outro registro de suma importância, representante do fim de uma coorte de um indivíduo, que se inicia no dia do nascimento e tem seu término quando é escrito no livro de enterros.

Faremos a análise de dois livros de óbitos, datados do período de 1788 a 1820, os mesmos; assim como o livro de batismo e casamento tem suas informações principais



organizadas em bancos de dados. São elas, o nome do falecido ou falecida, idade, sexo, nome do pai, a mãe, condição, cor, naturalidade e residência, causa da morte, informação sobre o local a ser sepultado, se recebeu os sacramentos e vestimenta utilizada para o sepultamento entre outras informações. No que diz respeito ao número de falecidos por sexo no livro I de 1877 a 1811; temos um total de 979 registros de falecimento. Desses, 401 óbitos são de pessoas do sexo feminino; e do sexo masculino 578 e um caso foi registrado como ignorado, pois no registro o pároco registrou a morte de um anjo, não sendo possível identificar o sexo. Outra curiosidade é que no mesmo registro foram registrada duas crianças falecidas, uma do sexo feminino e outra do masculino, que ficaram no mesmo registro seguindo o que estava posto no livro da paróquia.

Quando é feito um mapeamento da idade ao morrer dessas pessoas perceber-se que no caso masculino havia uma mortalidade infantil e adulta significativa quando comparada a feminina nesse primeiro livro. Quando filtramos o sexo feminino por idade de 15 a 49 anos na tentativa de saber em números quantas mulheres na idade fértil morreram encontramos um total de 86 registros, dessas 48 eram casadas e no registro de nove a causa da morte foi em decorrência do parto e tinham entre 21 e 36 anos de idade.

Quando passamos para o estudo no segundo livro de assentamento de enterros, óbitos, ele é datado de 1812 a 1838, mas como o nosso foco é ver o perfil demográfico no período colonial ficamos nos registros de 1812 até 1820. Como já é alertado por historiadores que trabalham com a demografia histórica, utilizando os dados paroquiais, a linearidade desses dados não é alcançada, nesse livro vemos registros de óbitos que ocorreram em 1803 e que foram registradas nesse livro quando deveria está no outro. Para facilitar o trabalho no que diz respeito à idade dos falecidos, seguimos a metodologia proposta por Marcílio (1977) e optamos por uma padronização nas idades registradas, e como seria: no registro paroquial é comum o pároco mencionar a idade em dias, semanas, meses e anos; lembrando que não são idades exatas, mas estimativas aproximadas. Então para os dias foi colocado o número e a terminação d (dia); s (semana); m (mês) e a idade somente o número no banco de dados. Esse procedimento foi realizado nos dois livros de óbitos analisados nessa pesquisa.

Nesse segundo livro analisamos cerca de quatrocentos e vinte e dois (422) registros. Sendo que 54% dos falecidos são do sexo masculino enquanto que 46% são do sexo feminino. Percebemos que havia mais mortes de crianças do sexo masculino nas primeiras idades até um ano, seguida nas idades jovens e em menor número nas idades adultas. No caso do sexo

feminino, nas idades entre 15 e 49 que chamamos de período fértil, cerca de sessenta e quatro mulheres morreram entre essas idades e 47 delas eram casadas; 11 morreram no parto e suas idades giravam em torno de 18 a 42 anos e na sua grande maioria foram registrados como sendo pardas.

### ***Considerações finais***

Os dados paroquiais são reveladores de um perfil demográfico onde o contexto histórico e as variáveis demográficas se encontram com o intuito de dar novas contribuições à demografia histórica do Rio Grande do Norte e do Nordeste. Embora tenha muito trabalho ainda a ser feito com as fontes paroquiais da freguesia, um primeiro passo já foi dado nesse sentido, sendo agora seguido por um trabalho mais pontual de padronização dos dados e aplicação de métodos que viabilizem o filtro de elementos e requeira um espaço de tempo menor.

Como podemos notar, quando da pesquisa das fontes e análise, desde o início do artigo, pensamos os dados, mas tivemos a preocupação com a conceituação da demografia, da história, e da demografia histórica nos diversos lugares onde a mesma é estudada e percebendo aonde não é, como no caso do Nordeste brasileiro, onde temos trabalhos com vieses histórico demográficos, em detrimento das pesquisas de demografia histórica, propriamente ditas.

No caso da Freguesia da Gloriosa Sant'Anna encontramos semelhanças quanto ao perfil demográfico com os estudos feitos em outras regiões do Brasil, Minas Gerais é um exemplo; nos trabalhos de Campos (2007) sobre *Elo da história demográfica de Minas Gerais: reconstituição e análise inicial dos registros paroquiais da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias e outros* como Cunha (2009) que se deter sobre os regimes demográficos de Franca/SP. Nesse cenário percebemos ter as mesmas dificuldades das pesquisas realizadas nas demais regiões do Brasil: há sempre uma busca intensa formas de melhor ler os dados pretéritos e criação de métodos que atendam as particularidades do espaço. No caso do sertão nordestino aparece a população indígena, que não aparecem nos estudos citados anteriormente (Campos, 2008; Cunha, 2009), mas que na realidade do Rio Grande do Norte, é personagem presente por causa de características da região, aparecendo na freguesia de Sant'Anna, exigindo assim um esforço do pesquisador para entender o contexto dessa população; os papéis dos índios na colonização, sua

presença, como eram visto pela população lusa, e como eram registrados para entendermos as dificuldades que temos ao estudá-los a partir das discussões e métodos demográficos criados para realidades europeias, onde eles não se faziam presentes.

Percebemos que deve haver sub-registros nos batismos, como nos registros de óbitos nas primeiras idades quanto a população indígena e escrava da freguesia e no primeiro caso ainda mais, sendo um resquício implícito de uma população que mesmo em desvantagem depois do conflito aparece mais nos registros de óbitos do que nos outros rituais de catolicidade. No caso dos casamentos, verificamos que não havia uma miscigenação explícita nessa freguesia de casamento de índios e brancos, e isso também acontecia no sistema de casamento em São Vicente, pesquisado por Silva (1984), ela menciona a questão religiosa, os jesuítas não admitiam o casamento entre brancos e índios, sendo preferível incentivar a vinda de prostitutas da metrópole para a colônia que permitir a união perante a igreja dessa população, além do mais era uma prática os enlaces entre iguais, ou seja, o casamento entre nubentes pertencentes à mesma condição social.

O enlace entre índios e crioulos, que eram negros nascidos no Brasil foi visto em pequenas quantidades. O mesmo acontecia com os escravos, onde as uniões, em grande medida, se davam entre os escravos do mesmo dono até por influência da constituição e dos moldes da família colonial, que ora nos engenhos de açúcar, ora nas fazendas de gado como era o caso da freguesia estudada, era composto pelos pais, filhos e os escravos.

Quanto aos portugueses registrados, temos nesse período uma constatação de algo que a historiografia tradicional do Rio Grande do Norte, tendo como representatividade maior os estudos de Câmara Cascudo (1984) e outros que mencionavam que a colonização do Rio Grande do Norte era predominantemente masculina e estratégica, como aconteceu no litoral e no interior, notamos no estudo da Freguesia no período que mesmo com uma fonte que precisa de uma atenção especial, pois em certos períodos nos parece lacunar e possível trazer a cena ou para discussão através de uma releitura à luz dos conceitos e métodos demográficos elementos, características e particularidades importantes para o conhecimento demográfico da região.

A partir de tudo que foi mencionado, percebemos que o perfil demográfico da população da freguesia da Gloriosa Sant'Anna não é muito diferente do encontrado por outros pesquisadores nas regiões do Brasil, porém tem suas peculiaridades e características próprias influenciadas pelo processo de ocupação portuguesa desse espaço e da forma como foi feito, resultando numa

composição miscigenada da população e refletindo nos componentes demográficos nupcialidade, fecundidade e mortalidade.

## *Referências*

Amorim, Maria Norberta. (1995), Informatização normalizada de arquivos: reconstituição de paróquias e história das populações. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, v. XIII, 2, p. 141-150.

Amorim, Maria Norberta. O Pico: Tomo VII, As famílias de S. Mateus nos finais do Século XIX. Câmara Municipal da Madalena, Açores, Portugal. Nova Gráfica, 2008.

Bacellar, Carlos de Almeida Prado; Scott, Ana Silvia Volpi. et al. (2005), Quarenta anos de Demografia Histórica. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 22, n. 2, p. 339-350.

Barros, José de Assunção. (2006), História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia hist.*[online].vol.22, n.36, pp. 460-475. ISSN 0104-8775 em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000200012>> Acesso em 12 de outubro de 2010.

Bloch, Marc. (2001), Apologia da História. Rio de Janeiro: *Jorge Zahar*. 159p

Botelho, Tarcísio Rodrigues. (2004), História demográfica e história social: convergências e perspectivas. In: I ENCONTRO MEMORIAL DO ICHS, UFOP, 1, 2004, Mariana (MG). *Anais eletrônicos*. Mariana, Palestra em <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/conf/mr5b.pdf>>. Acesso em 28 de abril de 2012.

Burke, Peter. (1997), A Escola do Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: *Fundação Editora da UNESP*.

Campos, Kátia Maria Nunes. (2007), Elo da História demográfica de Minas Gerais: reconstituição e análise inicial dos registros paroquiais da Freguesia de Nossa senhora da Conceição do Antônio Dias 1763-1773. Belo Horizonte, MG. Dissertação (Mestrado em Demografia)

Cascudo, Luís da Câmara. (1984), História do Rio Grande do Norte. 2. Ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: *Fundação José Augusto*.

Costa, Iraci Del Nero da. (2011), Demografia Histórica: Algumas observações. Saeculum: revista de História. João Pessoa. P.213-225.

Cunha, Maísa Faleiros da. (2009), Demografia e família escrava. Franca-SP, Século XIX. Campinas, SP : [s. n.].

Del Priore, Mary. (2001), História das Mulheres no Brasil. 5ed. São Paulo: *Contexto*.

Godoy, Marcelo Magalhães; Paiva, Clotilde Andrade. (2010), Um estudo da qualidade da informação censitária em listas nominativas e uma aproximação da estrutura ocupacional da província de Minas Gerais. *Rev. bras. estud. popul.* [online], vol.27, n.1, pp. 161-191. ISSN 0102-3098. Em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982010000100010>> acesso em 22 de maio de 2011.

Farias, Clara. (2010), Angolas e minas na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. IX, ano 5, n.º 1, julho de 2010. Em <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>>acesso em 2 de janeiro de 2012.

Henry, Louis. (1988), Técnicas de Análise em Demografia Histórica. Lisboa: *Gradativa*.

IBGE. Dicionário Demográfico Multilíngue.( 1969), Rio de Janeiro.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1278&%20id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1278&%20id_pagina=1)> acesso em 3 de julho de 2011.

Livi-Bacci, Massimo. (2002), 500 anos de demografia brasileira: uma resenha. *Revista Brasileira de Estudos de População*; v.19, P:141-159.

Medeiros Filho, Olavo. (1983), Velhos inventários do Seridó. Brasília: *Centro Gráfico do Senado Federal*.

Macedo, Helder Alexandre Medeiros de. (2007), Ocidentalização, territórios e populações indígenas na Capitania do Rio Grande. Natal, RN. 309f. Dissertação (Mestrado em História)

Macêdo, Muirakytan Kennedy de. (2008), Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (XVIII). Natal, RN. 286f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)

Marcílio, Maria Luíza. (org). (1977), Demografia histórica. São Paulo: Livraria Pioneira.

Marcílio, Maria Luíza. (1997), A demografia histórica nesse final de milênio. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 14, n.º 1/2, jan./dez., p.125-143.

Marcílio, Maria Luíza. (2004), Os registros paroquiais e a História do Brasil. *Varia História*. N° 31, janeiro. P. 13-20.

Monteiro, Denise Mattos. (2007), Introdução à história do Rio Grande do Norte. Natal/RN: EDUFRN.

Nadalin, Sergio Odilon. (1994) A demografia numa perspectiva Histórica. Belo Horizonte: ABEP.

Preston, S. H. The Contours of Demography: Estimates and Projections. *Demography*, Vol. 30, No. 4 (Nov., 1993), pp. 593-606.

Pinto, AlvaroVieira. (1973), El pensamiento critico en demografia. Santiago de Chile: *CELADE*.

Reher, D. S. (1997), Desafios e conquistas da demografia histórica no final do século. In: *Revista de Estudos Populacionais*, Brasília, v.14, n.1/2, 1997.

Scott, Ana Silvia Volpí. (2012), As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da História da Família no Brasil. *História Questões & Debates*, América do Norte, 51, nov. 2010. em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/19983/13277>>. Acesso em: 01 Mai. 2012.

Scott, Ana Silvia Volpí; Scott, Dario. (2006), Cruzamento Nominativo de Fontes: desafios, problemas e algumas reflexões para a utilização dos registros paroquiais. In: XV Encontro Nacional de Estudos de População Caxambu/MG, setembro/2006 em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_480.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_480.pdf)> acessado em 24 de julho de 2011.

Scott, Ana Silvia Volpí. (1998), A contribuição da Demografia Histórica para a História da População e da Família no Brasil. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, v. XVI, n. 1, p. 297-353.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. (1984), Sistema de casamento no Brasil colonial. São Paulo: EDUSP.

Veyne, Paul. (1998), O objeto da história, Apenas uma narrativa verídica, Tudo é histórico, logo a história não existe. In: *Como se escreve história – Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da UNB.